

A TRADUÇÃO DE OBRAS DE LITERATURA CONTEMPORÂNEA FRANCESA NO BRASIL: UMA COMPARAÇÃO ENTRE REPRESENTAÇÕES DO BRASIL A PARTIR DE ELEMENTOS ESTÉTICOS

Raquel Peixoto Amaral Camargo¹

Resumo

O objetivo deste artigo é perceber representações do Brasil presentes em elementos de paratexto do romance de literatura contemporânea francesa *Là où les tigres sont chez eux*, da autoria de Jean-Marie Blas de Roblès, e na sua tradução brasileira, intitulada *Lá onde os tigres se sentem em casa*, realizada por Maria de Fátima Oliva do Couto e Mauro Pinheiro. Para isso, faremos breves análises da capa destes livros bem como de outros peritextos e epítetos que os compõem e os prolongam. Como suporte teórico, valer-nos-emos dos estudos realizados por Gérard Genette acerca dos paratextos editoriais.

Palavras-chave: Tradução; Literatura Contemporânea Francesa; Paratextos

INTRODUÇÃO

Là où les tigres sont chez eux é um romance de literatura contemporânea francesa escrito por Jean-Marie Blas de Roblès, francês de origem argelina. Publicado na França em 2008 pela Editora Zulma, e posteriormente pela Editora *J'ai Lu*, este romance foi vencedor dos prêmios Jean Giono, Prêmio do Romance Fnac e Prêmio Médicis. A sua tradução, realizada por Maria de Fátima Oliva do Couto e Mauro Pinheiro, foi publicada no Brasil em 2011 pela Editora Record.

Jean-Marie Blas de Roblès, autor do livro fonte, morou no nordeste brasileiro no início da década de 80, período no qual trabalhou como Coordenador da Casa de Cultura Francesa da Universidade Federal do Ceará. Apesar de seu livro não ser autobiográfico, à exceção de algumas poucas passagens, conforme o autor afirma em entrevista, aspectos da geografia, da história e da cultura brasileiras são usados como pano de fundo para a construção deste romance.

O livro em questão conta a história dos manuscritos de Athanasius Kircher, padre jesuíta que viveu na Europa do século XVII, bem como histórias que se passam no Brasil dos anos 80. Alguns personagens compõem as tramas que se entrecruzam nos

¹ Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

cenários brasileiros: Eléazard von Wogau, correspondente francês em Alcântara, no Maranhão, que analisa os manuscritos de Kircher; Elaine, sua ex-esposa, arqueóloga que parte em expedição pela floresta amazônica em busca de um fóssil raro; Moema, sua filha, estudante que vive o mundo das drogas em Fortaleza; Nelson, rapaz aleijado com sede de vingança que vive em um universo de desigualdades sociais na Favela do Pirambu, em Fortaleza e Moreira, governador corrupto de São Luís, no Maranhão.

Ao longo dessas histórias que se entrelaçam vão sendo construídas representações do Brasil que, se em um primeiro momento foram acessadas por um público de leitores franceses, em momentos posteriores vai sendo expandida para leitores de outras sociedades e outras culturas através de traduções. Este artigo se propõe a identificar possíveis representações do Brasil veiculadas pela capa do romance de Roblès na publicação da Editora *J'ai lu* e pela capa de sua tradução para o português publicada pela Editora Record. Acredita-se que a capa é um aspecto fundamental de um livro, pois ela “fala” ao leitor tanto quanto a realidade que se busca representar através da palavra escrita.

Serão feitas também breves análises envolvendo outros elementos geradores de paratexto (epígrafe, contracapa, 3ª página, entrevistas e resumo constante no site da Editora *J'ai lu*) considerados igualmente importantes para construção de sentido do texto. Como suporte teórico, trabalharemos com a pesquisa de Gérard Genette acerca dos paratextos editoriais, desenvolvida no livro *Seuils*. Utilizaremos a sua tradução brasileira, intitulada Paratextos Editoriais, realizada por Álvaro Faleiros e publicada no Brasil em 2009 pela Editora Ateliê Editorial.

1. PARATEXTOS, PERITEXTOS E EPITEXTOS

A primeira definição que encontramos de paratexto no livro de Gérard Genette é a seguinte: “o paratexto é aquilo por meio de que um texto se torna livro” (GENETTE, 2009, p.9). Ao longo da introdução, Genette utiliza expressões como “mensagens paratextuais” e “efeitos paratextuais” para se referir aos paratextos. Segundo este autor, tais mensagens ou efeitos estão presentes “em torno de um texto” (GENETTE, 2009, p.11). Pode-se afirmar, com base nestas informações e na leitura de Genette, que o paratexto tem a natureza de uma mensagem e, como tal, é produtora de sentido. Este sentido, porém, não é independente do texto ao qual o paratexto se vincula, é complementar.

Ainda no que concerne aos paratextos, estes precisam de um lugar para que possam ter a sua mensagem materializada, isto é, um suporte. Este suporte, por sua vez, pode se situar próximo ao texto, como é o caso da capa de um livro, constituindo, portanto, um peritexto, ou à certa distância do texto, como no caso de uma entrevista fornecida pelo autor, que constitui um epitexto (GENETTE, 2009, p.12). Nas palavras de Genette (2009, p.12), “peritexto e epitexto dividem entre si, exaustivamente e sem descanso, o campo espacial do paratexto”.

Nas análises que se seguem observaremos possíveis mensagens paratextuais materializadas em suportes físicos que dão forma aos livros em questão e possuem natureza de peritexto, como é o caso da capa, da 3ª página e da contracapa (também chamada de quarta capa). Observaremos também paratextos veiculados em suportes midiáticos que possuem a natureza de epitexto, como entrevistas fornecidas pelo autor e resumo do livro fonte disponibilizado no site da editora *J'ai lu*.

2. CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DE ELEMENTOS PARATEXTUAIS DO TEXTO FONTE



Figura 1: Capa *Là où les tigres sont chez eux*, 2009.
Fonte: arquivo pessoal

Em um primeiro momento, pode-se observar que nesta capa o nome do autor aparece na parte superior e é seguido pelo título do livro. Do lado esquerdo há uma alusão genérica ao seu gênero literário, isto é, romance. Percebe-se que a cor vermelha predomina no fundo e que o amarelo está presente no título, em uma flor colocada do lado esquerdo na parte inferior da capa e na faixa com menção a um prêmio literário.

Um pouco abaixo do título vemos a imagem de um tigre saltando, em pleno movimento, e de uma cobra, possivelmente rastejando entre folhas verdes. Abaixo desses animais encontramos a representação de personagens que fazem parte do romance. Do lado esquerdo, há a imagem de Athanasius Kircher, jesuíta que viveu na Europa no século XVII e cuja história é abordada em termos ficcionais. A título de curiosidade, nota-se que esta é a mesma imagem utilizada pelo site do wikipedia para resumir a biografia deste jesuíta (http://en.wikipedia.org/wiki/Athanasius_Kircher). Ao lado de Kircher, perto da margem direita da capa, vemos uma representação de Elaine, arqueóloga que partiu em expedição pelo pantanal.

A faixa amarela com inscrições vermelhas, mencionada acima, aludem ao principal prêmio recebido pelo autor, o prêmio Médicis de literatura, bem como ao ano do seu recebimento, 2008. Esta faixa é o que Genete chama em seu livro de cinta. Na realidade, a cinta surge, segundo este autor, como “uma espécie de minissaia reduzida ao terço inferior da altura do livro” (GENETE, 2009, p.32). No caso da capa em questão, trata-se de uma cinta textualizada, também chamada de falsa cinta (GENETE, 2009, p.32).

No canto superior esquerdo da capa vemos o logotipo da editora *J'ai lu*. Diferentemente da Editora Zulma, que publicou em 2008 o romance de Roblès na França e cuja proposta de publicações é voltada para “literatura do mundo inteiro”² (<http://www.zulma.fr>), a linha editorial da Editora *J'ai lu* é bastante variada, englobando romances de “literatura geral”, ficção científica, quadrinhos, dentre outros (<http://www.jailu.com>). Assim, o símbolo desta Editora na capa não permite ao leitor enquadrar o romance em uma proposta editorial específica.

O título deste romance, por sua vez, foi retirado de uma citação de Goethe que se encontra na epígrafe do livro, qual seja: “*Ce n'est pas impunément qu'on erre sous*

² Tradução da inscrição que consta na abertura do site da Editora Zulma.

les palmiers, et les idées changent nécessairement dans un pays où les éléphants et les tigres sont chez eux”³ (GOETHE *apud* ROBLÈS, 2009, p.9).

A título de hipótese interpretativa, é possível supor que os elementos presentes na capa, isto é, os animais, as cores e os personagens de épocas tão diferentes colocados lado a lado, podem remeter à diversidade cultural brasileira. O ato de colocar a personagem Elaine com uma espingarda nas costas ao lado de Kircher, jesuíta do século XVII, pode ser uma maneira de representar o paralelo entre os manuscritos de Kircher e o Brasil da década de 80.

De acordo com Genette (2009, p.10), para além dos paratextos encontrados em torno do livro, muitos futuros leitores iniciam o contato com um livro através de entrevistas fornecidas pelo autor ou mesmo através de resenhas publicadas em jornais. Nesse sentido, comentários feitos por um autor acerca de seu livro também é uma forma de criar paratextos e de influenciar na futura compreensão do livro.

Em entrevista, ao responder a uma pergunta sobre o paralelo feito no seu romance entre os manuscritos de Kircher e o Brasil contemporâneo, Jean-Marie Blas de Roblès afirma: “O Brasil me parece a imagem de um mundo novo a opor-se ao mundo antigo do Kircher. Um mundo do dinamismo, da abertura, das possibilidades, em oposição a uma velha Europa esmagada pelo peso de sua história” (http://www1.rfi.fr/actubr/articles/107/article_13215.asp).

Ainda, o texto escolhido pela Editora *J'ai lu* para figurar no site como resumo do livro, por sua vez, também é revelador de algumas representações do Brasil contemporâneo:

Eléazard Von Wogau est correspondant de presse au fin fond du Nordeste brésilien. On lui adresse un jour un fascinant manuscrit, biographie inédite d'un célèbre jésuite de l'époque baroque : Athanase Kircher. Fasciné par ce qu'il découvre, il se lance dans une sorte d'enquête qui va avoir bien des incidences sur sa vie privée. On découvre alors au fil de la lecture d'autres personnages tels Elaine, archéologue en mission improbable dans la jungle du Mato Grosso, Moéma, étudiante à la dérive, ou bien Nelson, jeune gamin infirme des favelas de Pirambû qui hume le plomb fondu de la vengeance. Nous sommes au Brésil, dans le pays des démesures. Nous sommes aussi dans la terra incognita d'un roman monstre, dont chaque partie s'ouvre sur un chapitre de la biographie de Kircher, " le maître des cent arts ", ancêtre de l'égyptologie et de la volcanologie, inventeur du microscope ou de la lanterne magique ⁴

³ “Não é impunemente que erramos sob as palmeiras e as ideias mudam necessariamente em um país onde os elefantes e os tigres se sentem em casa” (Tradução nossa).

⁴Eléazard Von Wogau é correspondente de imprensa nos confins do nordeste brasileiro. Um dia ele recebe um fascinante manuscrito, biografia inédita de um célebre jesuíta da época barroca: Athanasius Kircher. Fascinado por aquilo que ele descobre, ele se lança em uma espécie de pesquisa que vai gerar repercussões na sua vida privada. Descobrimos no decorrer da leitura outros personagens, tais como, Elaine, arqueóloga em missão improvável na selva do Mato Grosso, Moéma, estudante à deriva, ou

(http://www.jailu.com/albums_detail.cfm?id=37348).

Todos esses elementos compõem a interpretação do livro e são maneiras de representar o Brasil. Tanto a constatação presente no resumo acima de que “estamos no Brasil, no país das desmesuras” quanto a diversidade de cores fortes (amarelo, vermelho) presentes na capa do livro contribuem para formar uma representação de brasilidade no romance. Esta representação claro, não se esgota nesses elementos. Somos partidários da ideia segundo a qual o significado do texto não se encontra apenas no livro e nem apenas no leitor, mas na interação entre a obra e o seus leitores (HEILBRON; SAPIRO, 2009).

Os elementos produtores de paratexto analisados sugerem representações de brasilidade que podem criar uma imagem do Brasil como um país de diversidade cultural, de dinamismos e que se opõe às velhas estruturas da Europa do século XVII. Ao mesmo tempo remete também à imagem de um país de desmesuras e de um país no qual, como confirma o romance, ainda existem pessoas que estão no início do processo civilizatório, como mostra a descrição de um encontro entre pesquisadores geólogos e uma tribo isolada. No entanto, estas são interpretações possíveis, mas que, por si só, não permitem fechar um modelo fixo e estável de como o Brasil foi representado neste romance, não sendo esta, inclusive, a nossa intenção.

mesmo Nelson, jovem rapaz aleijado das favelas de Pirambu que respira o chumbo grosso da vingança. Nós estamos no Brasil, no país das desmesuras. Nós estamos também na terra incógnita de um romance monstro, no qual cada parte se abre sobre um capítulo da biografia de Kircher, “o mestre das cem artes”, precursor da egiptologia e da vulcanologia, inventor do microscópio ou da lanterna mágica (Tradução nossa).

3. CONSTRUÇÃO DE SENTIDO DE ELEMENTOS PARATEXTUAIS DA TRADUÇÃO

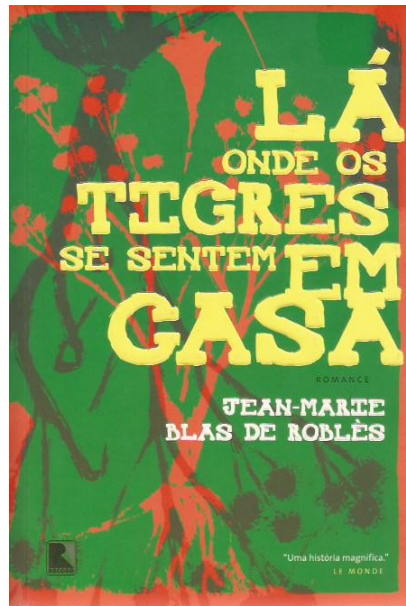


Figura 2: Capa *Lá onde os tigres se sentem em casa*, 2011.
Fonte: arquivo pessoal

Na capa da tradução pode-se observar o predomínio de três cores: verde, vermelho e amarelo. A imagem vermelha no centro da capa é a representação de uma árvore com as raízes um pouco soltas. No fundo da capa predomina a cor verde e algumas figuras abstratas que podem sugerir folhas de uma floresta ou de uma mata. O título traduzido, pois sua vez, está centralizado e em amarelo vivo. O nome do autor é mencionado logo abaixo, em letras brancas. Os nomes dos tradutores, porém, constam apenas na 3ª página, centralizados abaixo do nome do autor, como se pode ver na imagem que segue.

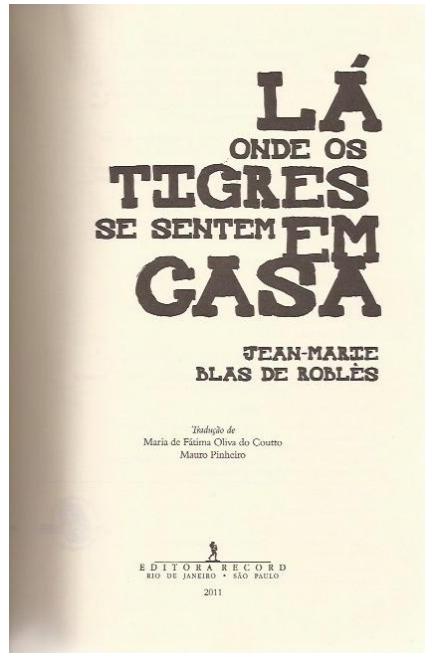


Figura 3: 3ª página *Lá onde os tigres se sentem em casa*, 2011.
Fonte: arquivo pessoal

Como exercício de imaginação, suporemos que um possível leitor, ao examinar a capa e a 3ª página deste livro, a partir do título, pode ser levado a indagar: aonde seria este lugar no qual os tigres se sentem em casa? Ou, como seria este lugar no qual os tigres se sentem em casa? Sabendo que o romance tem como pano de fundo o Brasil, o leitor poderia também indagar o porquê dos tigres se sentirem em casa no Brasil, ou ainda, se os tigres em questão apresentam um sentido metafórico ou literal. A leitura da epígrafe do livro, na qual se encontra a citação de Goethe, permite saber de onde o título foi retirado, mas não torna clara a motivação de sua escolha. É de se considerar, inclusive, que no Brasil não há tigres, diferentemente das onças pintadas que são mamíferos encontrados nas Américas (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tigre>); (<http://pt.wikipedia.org/wiki/Onça-pintada>).

Pode-se trabalhar com a hipótese de que a capa desta tradução, com cores fortes e vibrantes, assim como a capa do livro fonte, passa a impressão do Brasil como um lugar de diversidade e de misturas. Também se pode notar a presença de um forte elemento selvagem, representado pelo verde das matas e das selvas brasileiras e pela suposta aclimação dos tigres ao Brasil, como sugerido no título. A respeito das matas brasileiras, ao ser perguntado em entrevista sobre a possibilidade do Brasil ser um país barroco, Roblès afirma: “pra mim é a selva que é barroca, a verdadeira selva do mato grosso, ou da Amazônia” (http://www1.rfi.fr/actubr/articles/107/article_13215.asp).

Seguindo com a análise dos elementos paratextuais em questão, observa-se que há uma citação retirada do livro que aparece na contracapa. Ela inicia com letras garrafais amarelas se apoia na imagem vermelha de uma árvore, conforme a figura abaixo.



Figura 4: Contracapa *Lá onde os tigres se sentem em casa*, 2011.
Fonte: arquivo pessoal

A citação em questão é a seguinte:

Era-lhe quase divertido observar aquele estranho rebuliço (...) que começou então a se propagar: uma mulher se jogou sobre um homem, levantou a saia e o possuiu ali diante de todos; um homem sobre uma mulher, um homem sobre outro homem... Foi-se desfraldando pela noite uma onda orgiaca incontida. O próprio deus, interrompendo sua dança, entrava no meio das pessoas para uma rápida copulação, depois voltava para continuar dançando pesadamente na arena. (...) Um desconhecido possuiu Soledade. E enquanto os corpos se esfregavam em sua coxa, Loredana via seus rostos, surpreendentemente calmos, surpreendentemente vazios, no furor daquela entrega. (...) Alguma coisa fundamental vagava sobre aquela peleja humana, alguma coisa que ela queria desesperadamente acolher, mas que a invadia com um pavor crepuscular (ROBLÈS, 2011, p.444).

O texto acima, recortado de seu contexto e inserido na contracapa da tradução em análise passa a imagem de uma orgia (“foi se desfraldando pela noite uma onda orgiaca incontida”) da qual o próprio deus não só participa, mas aprova: “o próprio

deus, interrompendo sua dança, entrava no meio das pessoas para uma rápida copulação, depois voltava para continuar dançando pesadamente na arena” (ROBLÈS, 2011, p.444). Nesta orgia havia ainda uma “coisa fundamental que vagava sobre aquela peleja humana” (ROBLÈS, 2011, p.444). Ao se ler a citação, não é possível identificar que coisa é esta ou onde se passa esta orgia.

A citação escolhida para figurar na contracapa compõe a interpretação e o sentido do texto como um todo. Tendo em vista que, assim como a capa, a contracapa é um dos elementos de primeiro acesso por parte do possível leitor de um livro⁵, como a citação em questão poderia complementar o sentido veiculado pela capa e pelo título desta tradução?

Pode-se afirmar, ainda que em grau de hipótese de interpretação, que esta citação presente na contracapa, juntamente com a imagem que a acompanha, contribuem para a ideia de um Brasil dinâmico, em pleno movimento e de certa forma misterioso, no qual muitas coisas inesperadas são possíveis de acontecer. Este imaginário de Brasil se opõe à imagem da Europa de Kircher do século XVII que, como já mencionado no início deste artigo, tem as suas estruturas envelhecidas e de alguma maneira se cristalizou no tempo.

Ao lermos o romance, percebemos que a citação acima se trata das impressões de Loredana, italiana de passagem por Alcântara, que participa de um ritual de candomblé em um terreiro. Ela está, na realidade, assistindo a um transe acessado por algumas pessoas durante o ritual de candomblé, que se passa em um terreiro em Alcântara. Ela própria está envolvida neste transe, o que quer dizer que sua descrição não é de observadora imparcial, como se pode perceber na seguinte passagem:

Loredana não acreditava em seus olhos. Assim como a palavra “ídolo” anteriormente, o transe fora para ela apenas um vocábulo nos manuais de antropologia, um fenômeno de histeria que só podia afetar os espíritos frágeis ou habitados pelo irracional. Ela havia esperado algo desse tipo, com certeza, mas que pudesse sucumbir tão facilmente, isso a espantou mais do que a própria manifestação de transe (ROBLÈS, 2011, p.440).

Durante a leitura do romance descobrimos também que o deus que participa da orgia nada mais é do que uma pessoa que durante o ritual representa um deus. Essa

⁵ Cabe lembrar que, como mostra Genette (2009, p.30) com a evolução da apresentação editorial, a capa nem sempre é a primeira visualização do livro oferecida ao leitor. Atualmente há livros que apresentam uma sobrecapa, sobretudo aqueles que foram adaptados para o cinema. No entanto, o livro em questão não é apresentado com sobrecapa e nem mesmo com cinta (faixa que alude a prêmios recebidos pelo autor, por exemplo), de modo que a capa é realmente a primeira manifestação do livro que se apresenta ao futuro leitor.

informação permite outro tipo de percepção, de dimensão até mesmo antropológica, acerca do que está sendo descrito na citação da contracapa. Porém, como já mencionado, a escolha da citação para figurar na contracapa de um livro não se dá ao acaso. Neste caso específico, podemos afirmar que ela contribui para despertar a curiosidade do leitor acerca de uma imagem do Brasil como um país no qual coisas fora do comum são possíveis de acontecer.

4. A TÍTULO DE REFLEXÃO

Importância dos paratextos se dá na medida em que estes não só complementam mas alongam o sentido do texto. Como já apontamos ao longo do artigo, com base em Genette, não há texto sem paratextos. Os livros são apresentados com um formato, não circulam despidos, desprovidos de título, capa, epígrafe etc. A compreensão dos livros, portanto, passa pelos paratextos que o acompanham. E estes, por sua vez, são frutos de decisões editoriais em conjunto com a vontade do autor.

O fato de Jean Marie Blas de Roblès ter vivido no Brasil por si só é um dado capaz de gerar paratexto. O leitor que possui esta informação poderá se questionar a respeito da existência de passagens biográficas ou mesmo da utilização de experiências pessoais como pano de fundo para o romance.

Outro aspecto interessante de como os paratextos cumprem um papel importante na primeira percepção de um livro é a citação escolhida para constar na contracapa. Esta citação, ao descrever uma situação transcendente e mística gera um clima de mistério e misticismo em torno do Brasil. Situação esta que será, de certa maneira, desmistificada durante a leitura do livro, ainda que permaneça o deslumbre com as coisas inacreditáveis, antes vistas apenas em livros, que podem acontecer no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Editora Zulma. Disponível em: <<http://www.zulma.fr>> Acesso em 22 de novembro de 2014.

Editora J'ai lu. Disponível em: <<http://www.jailu.com>> Acesso em 22 de novembro de 2014.

RFI – O sucesso de Jean-Marie Blas de Roblès. Disponível em: <http://www1.rfi.fr/actubr/articles/107/article_13215.asp> Acesso em 22 de novembro de 2014.

Editora J'ai lu – Là où les tigres sont chez eux. Disponível em: <http://www.jailu.com/albums_detail.cfm?id=37348> Acesso em 22 de novembro de 2014.

GENETTE, Gérard. *Paratextos editoriais*. Tradução: Álvaro Faleiros. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

GOETHE, Johann Wolfgang von. Les Affinités électives *apud* ROBLÈS, Jean-Marie Blas de. *Là où les tigres sont chez eux*. Paris: J'ai lu, 2009.

HEILBRON, Johan; SAPIRO, Gisèle. Por uma sociologia da tradução: balanços e perspectivas. Tradutoras: Marta Pragana Dantas e Adriana Cláudia de Sousa Costa. *Graphos*. João Pessoa, vol. 11, n.2, dez/2009. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/graphos/article/view/4354>> Acesso: 20 de maio de 2014.

ROBLÈS, Jean-Marie Blas de. *Là où les tigres sont chez eux*. Paris: J'ai lu, 2009.

ROBLÈS, Jean-Marie Blas de. *Lá onde os tigres se sentem em casa*. Tradutores: Maria de Fátima Oliva do Coutto e Mauro Pinheiro. Rio de Janeiro: Record, 2011.

Wikipedia – Athanasius Kircher. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Athanasius_Kircher> Acesso em 29 de novembro de 2014.

Wikipedia – Onça-Pintada. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Onça-pintada>> Acesso em 23 de novembro de 2014.

Wikipedia – Tigre. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Tigre>> Acesso em 23 de novembro de 2014.